

Distâncias de Iraquara:	
Fortaleza/CE:	1.302 km
Natal/RN:	1.380 km
Recife/PE:	1.146 km
Aracaju/SE:	666 km
Salvador/BA:	471 km
Feira de Santana/BA:	355 km
Ilheus/BA:	595 km
Seabra/BA:	48 km
Lençóis/BA:	77km
Mucugê/BA:	185 km
Itaeté/BA:	186 km

Legenda:	
	Rodovia asfaltada
	Rio
	Acesso leito natural
	Arte rupestre
	Gruta
	Cachoeira
	Mirante/serrote

Elaborado a partir do Google Maps e do site digital
www.chapadadiamantina.com.br, em abr. 2016.



Realização:



Organização:



Coorganização:



Patrocínio:



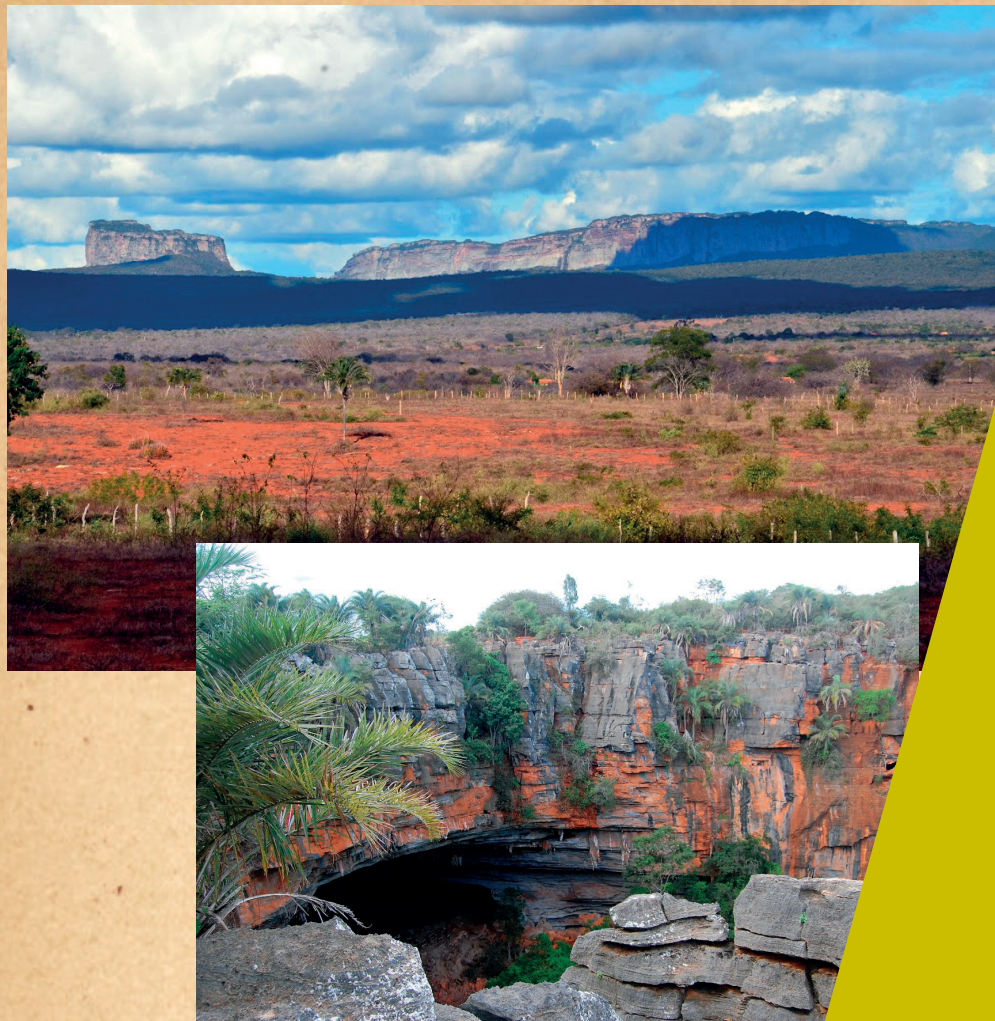
Apoio Institucional:



O III Encontro Nordestino de Espeleologia é uma realização da SBE - Sociedade Brasileira de Espeleologia, sendo coorganizado pela SBAE - Sociedade Baiana de Espeleologia, com o apoio das associações espeleológicas do Nordeste, alinhadas no termo de cooperação denominado Cavernne. Material produzido a partir de textos redigidos por Ricardo Galeno Fraga de Araújo Pereira (UFBA) e Solon R. Almeida Netto (SEP). Imagens produzidas ou cedidas por Ricardo Galeno Fraga de Araújo Pereira, Mateus Martins (SEA) e Solon R. Almeida Netto. Versão final editada por Cláudia Sousa Lima Mattedi (SBAE). Desenvolvido e diagramado por José Aglio Neto, em abril de 2016, por contrato com a SEP - Sociedade Espeleológica Potiguar para o III ENE - Iraquara 2016. Distribuição gratuita.



20 a 22 de maio de 2016
IRAQUARA - BA



Tanta diversidade, não poderia deixar de espelhar uma profusão de modelagens do relevo e a formação de uma complexa rede de cavernas. Para entender as grutas como aquelas que são vistas em Iraquara/BA, município da Chapada que se destaca pela alta concentração de cavidades naturais, deve-se, antes, saber que a principal rocha que abriga as cavidades da região formou-se a partir de um primitivo mar, de águas rasas, que existiu há cerca de 600 milhões de anos. Nesse ambiente, restos de organismos marinhos, como conchas de crustáceos ricos em carbonato de cálcio, foram se acumulando no leito oceânico, criando um material rochoso que hoje chamamos de calcário. Dessa época até o final do Cretáceo, um período que se encerrou há mais de 60 milhões de anos, sabe-se pouco sobre o que aconteceu, mas a partir dali, toda essa rocha compactada em camadas sofreu ações de forças geológicas, ficando completamente fraturada. Por essas fraturas rochosas começou, então, a passar muita água, que, lentamente, foi corroendo o maciço, pois sendo o calcário bastante solúvel, favoreu o surgimento de vazios que foram se interconectando para dar origem a redes enormes de galerias dentro da Terra, chamadas de cavernas.

Pesquisadores vêm tentando entender a idade dessas cavernas de várias formas, uma delas é através da datação dos sedimentos – como a mistura de areia, argila e material orgânico que forma o chão dos condutos subterrâneos –, pelo que esses trabalhos têm apontado uma data inicial provável à formação desses ambientes, como os conhecemos hoje, há pelo menos 2 milhões de anos. Esses materiais apontam, ainda, que durante todo esse tempo, muita coisa aconteceu na região, especialmente nos últimos 210 mil anos, como grandes mudanças climáticas e extinção de várias espécies de animais e vegetais.

Os grupos de praticantes da Espeleologia e os pesquisadores universitários, bem como as autoridades governamentais, empresários do turismo e ambientalistas, todos reunidos em maio de 2016, voltam sua atenção ao grande debate do futuro do turismo em cavernas na Chapada Diamantina. Atividade que alimenta a economia da região, o setor é forte responsável pela manutenção de uma parcela relevante das mais de 400 mil pessoas que habitam a Chapada. Por representar um dos maiores polos de visitação de grutas do hemisfério sul, a Bahia se insere no contexto do geoturismo do Brasil como uma região que favorece o desenvolvimento de comunidades através de atividades sustentáveis, preservando o equilíbrio natural e divulgando a importância do universo cavernícola, tão importante não somente à ciência, mas especialmente à sensibilização do quão o patrimônio ambiental subterrâneo brasileiro deve ser cuidado.

A Bahia concentra um dos mais ricos conjuntos de cavernas do mundo. Nesse cenário, situa-se a Chapada Diamantina, uma região que reúne vinte e oito municípios da porção central do estado e se destaca pela grandiosidade de seu meio natural e cultural, não somente associado a grutas, mas de beleza única pelo volume paisagístico que integra o homem a rios, cachoeiras, vales e vestígios que relevam a ocupação daquela terra ao longo das eras. Na Chapada, a perfeita união entre rochas, matas, bichos e pessoas desenha um quadro de rara harmonia, que encanta, há séculos, os exploradores. Historicamente, os primeiros documentos, ainda nos sécs. XVIII e XIX, detalham o lugar como um produtor de ouro e pedras preciosas, estando aí a origem de seu nome. Casarões coloniais e resquícios de um passado de riqueza, moldado por fortes tradições, são as heranças vivas de ricas vilas que constituem seu inconfundível patrimônio arquitetônico.

Mas como tudo na Chapada Diamantina remete às suas rochas, falar do homem é também contar sobre pedras. É dizer desde a pequena joia escondida nas curvas de um rio, até as quilométricas cavernas que rasgam seus caminhos interiores. E isso porque o universo da Chapada remete à geodiversidade, a um mundo moldado por várias camadas rochosas de arenitos, conglomerados e calcários, que assumem importância quando se percebe a maneira interdependente qual o ser humano e a natureza se associam, de modo que o equilíbrio ambiental mostra-se como vital à manutenção da singularidade do lugar.

